

“A mulher que amou Fernando Pessoa” é uma ficção, mas, por misturar-se com personagens e com a própria vida de Pessoa, nos faz várias provocações: será que Maria existiu? Será que suas saias realmente lamberam o chão da Baixa? Não sabemos, mas Carvalho constrói o romance com os elementos da Lisboa de meados do século passado, abordando os acontecimentos que antecederam a morte de Fernando Pessoa. Não só a geografia de Lisboa, mas os costumes e acontecimentos locais e mundiais são trazidos para compor o contexto sócio-histórico e geográfico. Fico pensando na pesquisa sociolinguística que o autor fez. Será que foi somente sua intimidade com a obra de Fernando Pessoa e seu conhecimento de Lisboa? Fazendo uma pesquisa, descobri que, realmente, a avó de Pessoa, D. Dionísia, foi internada por problemas mentais. Será que no Rilhafoles? Será que Maria (ou as Lurdes) cuidou dela?

É essa curiosidade que o livro provoca. Felizmente, o autor esteve presente na apresentação do livro e foi um momento muito emocionante, quando tivemos a oportunidade de conhecer a tecitura realizada na construção de cada personagem, de cada capítulo, e a mistura de fios tirados, ora da extensa obra de Fernando Pessoa e seus heterônimos, ora de fatos da vivência e da pesquisa de Carvalho.

Percebe-se a intimidade do autor com Fernando Pessoa, pois ele aproxima o seu texto do estilo literário do grande poeta português, tanto pelas escolhas lexicais, quanto pelas construções linguísticas, pelas quais arquiteta o texto. As díades semanticamente opostas como medo/desejo, habitado/desabitado, companhia/solidão fazem nossa construção de sentido dar meia volta, retornando para o ponto de partida, dando para o sentido, o seu oposto, fazendo confrontos, paralelismos, aglutinando campos semânticos. As repetições da mesma palavra, com a mudança de sua classe gramatical, constituem um jogo constante (“Por outro lugar era habitado. Assim somos todos nós, não habitantes, mas habitados pelos lugares que nos habitam”) ou construções que refletem, na segmentação linguística, os sentidos e ações que o autor está expressando nas ações da personagem, como em “à medida que Maria crescia, cresciam também as redondezas onde andava”.

Lisboa empresta seu movimento, seu terremoto, suas ruas, colinas (“subir os aclives e declives da cidade é algo que vai testando sua capacidade de resistência às dores, ou o alcance de seu desejo”), seu rio, seu nevoeiro (tudo é incerto, derradeiro, disperso), seus subterrâneos (“quantos de nós não passamos por nossos subterrâneos sem deles entender as sombras e o silêncio...”) os quais se incorporam ou são incorporados pela narrativa do autor.

Eu li o texto na última semana, com pressa, por isso não li, ouvi, com a ajuda da Alexa. Mas é um livro que vale a pena ser lido em tinta, porque suas criações linguísticas são amplas, diversas e riquíssimas. São interessantes e inteligentes, merecendo um grifo, marcações e até análises, e, mais importante, a leitura no livro físico possibilita mais amplas formas de fruição do texto.

Pode-se dizer que o livro faz uma homenagem a Fernando Pessoa e sua inserção na obra e estilo do homenageado não arrebatam o autor de si mesmo, pelo contrário, ele é presente expõem os seus sentimentos, pensamentos, pede desculpas, informa como construiu o texto, dá alma a utensílios, a coisas inanimadas, para, através delas, contar não apenas o cotidiano e as frivolidades, mas para demonstrar que a nossa imaginação se estende às coisas simples do mundo que nos rodeia e são reveladas na obra do escritor.

Nesse sentido, Carvalho demonstra, ao leitor, a grandeza do compromisso do escritor, seja compondo algo extraordinariamente novo, ou revisitando uma obra mundialmente conhecida,

onde sempre encontrará espaço para a imaginação e para fazer aparecer algo novo e cativante que acaricia a alma do leitor, fazendo valer a pena a atividade leitora.

(Linair Moura)